



+ Região

Diretor  
Raul Tavares

Semanário  
Região de Setúbal

Edição n.º 1082  
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O  
Expresso

Sábado  
16 maio  
2020

# sem mais

## Covid-19 'destapa' mais de cem lares ilegais

As equipas que prepararam o terreno para a testagem aos lares de idosos na região descobriram mais de cem residências ilegais ou clandestinas. Por razões sanitárias, as autoridades vão testar estes casos, depois cabe à segurança social averiguar as irregularidades.



### Creches reabrem após realização de 1800 testes

Nem todas as 230 creches do distrito vão conseguir cumprir as normas da DGS, de modo a abrirem portas já na segunda-feira. Foram feitos 1800 testes aos profissionais.

Pág. 4



### Duarte Cordeiro e a missão Covid-19 na região

O secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, responsável pela coordenação da missão Covid-19 na AML, vai preparar abertura das praias.

Pág. 8/9



### Cáritas sem mãos a medir no apoio a famílias

O crescimento exponencial de pedidos de apoios urgentes está a preocupar a Cáritas Diocesana de Setúbal. Não há mãos a medir para tanta carência social.

Pág. 6

DIGITAL

# sem mais

Somos informação  
segura e confirmada.  
OBRIGADO PELA CONFIANÇA

REALIDADE A NU NA PREPARAÇÃO DA REABERTURA ÀS VISITAS

# Descobertos centenas de lares ilegais na região

Autarcas e bombeiros descobrem, dia após dia, em todo o distrito, mais lares clandestinos ou ilegais. Todos serão testados, mas, a breve trecho, muitos terão de fechar. Por entre críticas à funcionalidade e à carga financeira, há também instituições que não vão cumprir a regra da visita semanal.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

**A TESTAGEM** dos lares de idosos no distrito de Setúbal para que, na segunda-feira, se possa dar reinício ao sistema de visitas, trouxe uma surpresa aos municípios e aos serviços da Segurança Social: há mais de uma centena destas instalações em situação de ilegalidade. Para já todos vão receber auxílio nas operações de despistagem do vírus da Covid-19. Posteriormente, dar-se-á início ao processo de legalização, mas muitos terão obrigatoriamente de fechar por não possuírem condições mínimas para acolher pessoas.

“A saúde pública está sempre em primeiro lugar e, por isso, vamos prestar todo o apoio possível, seja para lares regularizados junto da Segurança Social, seja para os que se encontram em situação ilegal e que não são poucos. Já testámos os da rede pública e privada e vamos também testar os ilegais”, disse ao Semmais a presidente da Câmara Municipal de Almada, Inês Medeiros que, sem conseguir precisar quantos estabelecimentos irregulares já foram detetados no concelho e no distrito, sempre adiantou serem “mais de uma centena”.

Um destes lares de cariz ilegal, por não ter a sua situação devidamente regularizada, esteve recentemente na crista da onda, ao ter registado, em abril, um grande surto da Covid-19. Trata-se do Lar Cristo-Rei, que acabaria por ver funcionários e idosos testados a coberto da ação das autoridades de saúde do município almadense. Aliás, tal como o Semmais avançou na edição passada, no mesmo lar ocorreu uma experiência piloto onde os funcionários infetados cuidaram de utentes doentes com o novo coronavírus.

Esta situação será comum aos 13 concelhos do distrito e acarreta, a curto prazo, mais um grave problema financeiro para as famílias. “Muitas pessoas terão de encontrar outras soluções para os familiares idosos que se encontram em lares, ou casas de repouso ou de acolhimento ou lá o que lhes queiram chamar, que estão a funcionar ilegalmente. Por certo irão surgir dificuldades e carências várias, cujas conseqüências não são ainda possíveis de quantificar. O que sei é que com esta situação vamos obter um retrato final muito mais seguro e exato. Bem mais pró-

ximo de uma realidade que se apresenta bem mais dramática do que a que era previsível encontrar”, sintetizou a autarca.

Essa realidade foi, de resto, comprovada ao Semmais pelo presidente da Câmara Municipal de Palmela, Álvaro Amaro. “Antes de iniciarmos o processo para testar os funcionários dos lares, sabíamos que existiam no nosso concelho 25 que estavam a funcionar ilegalmente. Hoje (quinta-feira) já identificámos 68”. Para Álvaro Amaro, que diz que a proliferação de lares ilegais é “a realidade do país”, esta é também a oportunidade para que autarquias e, sobretudo, a Segurança Social, iniciem o processo de legalização dos estabelecimentos que têm condições para cumprir as regras. “Há uma conclusão óbvia que tiramos: os lares legalizados que existem no país não são em quantidade suficiente”.

Não foi revelado o número de utentes em lares ilegais detetados no concelho de Palmela, mas, de acordo com o edil, muitos nem sequer pertencem à região. Mais um problema económico, diz, com que se irão deparar muitas famílias.

## APESAR DAS DIRETRIZES, NEM TODOS VÃO ABRIR PORTAS ÀS VISITAS

Nem todos os lares do distrito de Setúbal irão abrir as portas às visitas a partir de segunda-feira. No Montijo, o presidente da Associação Mutualista de Nossa Senhora da Conceição, que alberga 96 idosos, já garantiu que não vai ser implementada a regra da visita semanal de hora e meia.

“Somos contra a missiva de reabertura nos moldes propostos. Não vamos reabrir nessas condições e já demos conta dessa intenção aos familiares”, garantiu ao nosso jornal Pedro Santos. “No nosso caso temos 96 utentes com uma média de idades de 85 anos. Se abriremos as portas para 96 visitas não temos como impedir que algumas destas pessoas estabeleçam contacto, o que é ilegal. É impossível garantir o distanciamento”.

Pedro Santos diz que a instituição a que preside vai continuar a utilizar a “box das emoções” que é, como o nome indica, uma estrutura em forma de caixa, dividida a meio com uma placa de acrílico, que



No lar do Montijo as visitas continuam através da “Box das Emoções”

### DADOS DOS LARES DO DISTRITO

FONTE: CARTA SOCIAL 2019

Lares legais nos 13 concelhos	<b>128</b>
Idosos	<b>5.819</b>
Recursos humanos empregados	<b>4.131</b>
Centros de convívio	<b>25</b>
Capacidade dos centros de convívio	<b>1.308</b>
Centros de dia	<b>106</b>
Capacidade dos centros de dia	<b>5.196</b>

permite que uma visita fique de um lado e o utente do outro, sem que se toquem, mas com a possibilidade de se verem e falarem. “Os familiares dos idosos reagiram bem à nossa proposta e até já recebemos contactos de outros lares que pretendem adotar o mesmo sistema”, adiantou o mesmo responsável, fundamentando a eficácia da box com números: “Desde que, há cerca de dois meses, se proibiu o contacto das visitas com os utentes, a diminuição de doenças respiratórias verificada foi de 70 por cento. Face a isso, é óbvio que não queremos retroceder”.

#### MUNICÍPIOS DE SINES E BARREIRO DIZEM TER TUDO A POSTOS

O Semmais contactou também os presidentes das câmaras municipais de Sines e do Barreiro, municípios que, mesmo tendo sido obrigados a efetuar despesas não previstas em consequência da pandemia, se afirmam preparados para, a partir de segunda-feira, reabrir os lares às visitas.

“Genericamente está tudo preparado”, disse Frederico Rosa, edil do Barreiro, que salientou ainda o “grande grau de adaptação de todos os intervenientes às exigências colocadas para que tudo possa estar operacional a partir de segunda-feira”. “A logística está apta a responder às necessidades”, adiantou.

Em Sines, onde existe um lar com capacidade para cerca de 200 idosos (para além de três creches que irão reabrir igualmente na segunda-feira), a convicção do presidente da câmara, Nuno

Mascarenhas, é a de que todos os funcionários estarão testados antes da data de reabertura, garantia essa que, ressaltou, só pode ser dada pela autoridade local de saúde. “O Governo tem reiterado que a 18 de maio todos os testes estarão feitos. O que podemos assegurar é que, da nossa parte, tem sido feito um enorme esforço para que esse objetivo seja cumprido”, acrescentou.

#### INVESTIGADOR SOCIAL APONTA VÁRIAS FALHAS ÀS AUTORIDADES

Várias falhas têm sido apontadas ao sistema que a Segurança Social e a Direção Geral de Saúde (DGS) traçaram para que se possam reiniciar as visitas a idosos em lares. O investigador social do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa (ISCSPL), Paulo Lourenço, instado pelo Semmais, considera que existem cinco grandes entraves ou consequências que implicam dano para os lares e o seu funcionamento ideal.

“Admitem-se constrangimentos porque é necessário realizar obras destinadas à adaptação de espaços. Por outro lado, há falta de diversos materiais no mercado, nomeadamente de acrílico utilizado nos separadores e que vai ser fundamental para que se mantenham as condições de segurança”, disse o investigador, salientando ainda que o preço do metro quadrado do acrílico, “à semelhança de outros materiais, como por exemplo as máscaras, aumentou consideravelmente. Há especulação nos preços”.



Paulo Gonçalves afirma ainda que “a afetação de recursos humanos especificamente para as visitas irá influenciar o funcionamento, gerando a necessidade de contratar mais colaboradores, com aumento nos custos com pessoal e consequente subida do custo médio por utente”.

Por fim, conforme salienta ainda o investigador do ISCSPL, a DGS não terá tido em conta que nos lares “existem idosos autónomos, os quais, antes da pandemia, atuavam autonomamente no exterior, efetuando eles próprios as visitas”. Para essas pessoas, o que o estado propõe, com as novas regras é... nada. ■

## Ação preventiva e não de caça aos ilegais

O comandante distrital de Proteção Civil diz que o importante é ajudar as pessoas que possam estar em risco de contágio.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

“

*O importante são as pessoas. Não há intuítos de fiscalização...*

ELÍSIO OLIVEIRA  
COMANDANTE DISTRITAL  
DE PROTEÇÃO CIVIL

**A IDEIA** subjacente à realização de testes de despistagem do covid-19 nos lares e creches do distrito de Setúbal é identificar todos os casos possíveis e tratá-los de igual modo, sem fazer distinções entre as instituições particulares de solidariedade social, as instituições privadas ou as ilegais.

O comandante distrital de Proteção Civil, Elísio Oliveira, entidade que nos últimos meses tem coordenado o trabalho em todos os 13 concelhos, sintetiza dizendo: “O importante são as pessoas. Não há intuítos de fiscalização. Todas as respostas sociais serão tratadas da mesma forma”.

A Proteção Civil de Setúbal integrou as equipas de testagem (levando os

testes, entregando-os nos laboratórios onde foram analisados e entregando-os novamente às entidades de saúde) e, de acordo com os dados que têm vindo a ser divulgados, terá atuado num universo que compreende cerca de 1800 funcionários de creches e de mais de 4.100 funcionários de lares de idosos.

“É uma mega operação desencadeada num universo de idosos, jovens, creches e até em estruturas que albergam deficientes”, disse ao Semmais Elísio Oliveira, realçando a colaboração dos serviços de Proteção Civil com a Segurança Social e as equipas da Direção Geral de Saúde.

O comandante distrital de Proteção Civil de Setúbal explicou ao nosso

jornal que as estruturas envolvidas reúnem diariamente para traçarem as linhas de atuação. Essa estratégia, diz, não passa por tentar descobrir quais são os estabelecimentos que estão legalizados ou não, mas em levar aos seus funcionários as normas preventivas que devem ser seguidas para evitar a propagação da doença. “O trabalho, que tem sido acompanhado pelo secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, também é do conhecimento das autarquias e da Segurança Social. Serão estas entidades que terão de se pronunciar quando for detetada qualquer situação irregular”. ■



MAIS DE 1.800 FUNCIONÁRIOS DO DISTRITO SUJEITOS À TESTAGEM

# Creches expetantes com normas e lotação

A vontade de reabrir os estabelecimentos é tão real quanto o reconhecimento em fazer cumprir algumas das normas das autoridades de saúde. Ainda assim vai ser um grande desafio de adaptação.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

**TODAS** as mais de 230 creches existentes no distrito de Setúbal foram notificadas pela Segurança Social para realizarem até ontem, sexta-feira, os testes de despistagem à Covid-19. Ao todo deverão ter sido testados mais de 1.800 funcionários. Não se espera, no entanto, que todos os estabelecimentos consigam cumprir as determinações impostas pela Direção Geral de Saúde (DGS).

O Semmais fez um contacto aleatório com três creches do distrito: a Sorriso Maroto, em Setúbal, o Cantinho da Brincadeira, em Almada, e a Aldeia da Pequeneda, no Montijo. No início da semana as diretoras e sócias gerentes dos três estabelecimentos afirmaram

já terem sido contactadas pela Segurança Social, que lhes deu conta da necessidade de realização dos testes aos funcionários. A vontade de reabrir é real mas, as dúvidas quanto à eficácia dos modos propostos pela DGS já não é unânime.

Magda Oliveira, sócia gerente do Sorriso Maroto, disse ao nosso jornal na passada quarta-feira, ter confiança no cumprimento das datas, esperando que todo o pessoal da sua creche seja testado atempadamente. “Tenho plena confiança no cumprimento dos prazos, para que as normas e guias possam ser aplicadas”, afirmou.

No mesmo dia, Leonor Camacho e

Andreia Oliveira, das duas outras creches, confirmaram igualmente estarem à espera da marcação das datas para a realização dos testes e garantiram que tudo irão fazer para cumprir as determinações da DGS.

## DETERMINAÇÕES DA DGS LEVANTAM DÚVIDAS AOS RESPONSÁVEIS

No entanto, num documento relativo às medidas de prevenção e controlo em creches, creches familiares e amas, a que o Semmais teve acesso, há vários aspetos que colocam em causa as determinações da DGS, a primeira das quais diz, desde logo, respeito às dificuldades para implementar os planos de contingência, o qual é elaborado pelos serviços de saúde ocupacional para cada um dos estabelecimentos.

Depois, são apontadas limitações financeiras que podem colocar em causa a aquisição de equipamentos de proteção e de materiais de higienização o que, desde logo, poderá vir a fazer aumentar, a curto prazo, o custo médio por criança.

Ainda relativamente à componente económica, o estudo defende que a redução do número de utentes por sala de aula poderá vir a ter repercussões na sustentabilidade económica da própria creche, uma vez que é possível que, no futuro, nem todas as famílias possuam rendimentos suficientes para colocar os filhos nestes estabelecimentos.

Também a questão do distanciamen-

to das crianças dentro das salas é uma medida muito questionada. Das educadoras e diretoras de creches contactadas, nenhuma acredita que seja possível manter crianças, entre os zero e os três anos, distanciadas das restantes, do mesmo modo que também não se lhes afigura viável o impedimento de partilha de brinquedos. Essa medida, dizem, poderá até ter implicações pedagógicas e educativas.

As responsáveis das creches ouvidas referem, a favor das determinações da DGS, o facto de não ser previsível que todas as crianças regressem já no dia 18. Os indicadores recolhidos dizem mesmo que há salas, com 20 crianças, que receberão, no máximo, metade dos alunos e outras apenas um terço. “Muitos pais sabem que não será possível cumprir integralmente as regras do distanciamento e não vão trazer os filhos nos tempos mais próximos, até porque parte deles tem a possibilidade de ainda estar a trabalhar em casa. Não se consegue explicar a uma criança de dois anos que não pode estar a uma determinada distância dos amigos e que não pode brincar com eles”, acrescentou uma das educadoras contactadas.

Já a questão do distanciamento de dois metros entre os colchões (individuais) de cada criança parece, para já, uma medida bem mais fácil de cumprir, uma vez que não se aguardam que todos regressem de imediato. ■

**PORTO DE SINES**  
**PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA**

O porto de águas profundas de Sines está apto a receber os maiores navios do mundo e a movimentar todos os tipos de cargas, oferecendo ligações diretas regulares aos principais mercados dos cinco continentes. Com elevados índices de produtividade e operações 24 horas por dia, Sines potencia a economia e as exportações nacionais, assumindo-se como a Porta Atlântica da Europa.

www.portodesines.pt

PORTO DE SINES



Despistagem à Covid-19 abrange as mais de 230 creches



REGRESSO ÀS AULAS PRESENCIAIS COM NOVAS REGRAS

# Escolas apostam na segurança

Entre aplausos e críticas, as escolas do distrito estão preparadas para reabrir segunda-feira. Adaptam-se horários e salas, desinfetam-se espaços e estudam-se as melhores formas de vigiar comportamentos.

TEXTO PATRÍCIA BRITO IMAGEM DR

O **REGRESSO** dos alunos dos 11º e 12º anos às aulas presenciais das disciplinas sujeitas a exame nacional obrigou as escolas a pequenas revoluções no habitual sistema de funcionamento para corresponder às orientações de segurança sanitária recomendadas pela tutela. “Transmitir segurança aos profissionais, alunos e pais é fundamental para que as coisas corram bem”, justifica ao Semmais Ricardo Jorge Oliveira, vereador responsável pelo pelouro da Educação Câmara de Setúbal.

Turmas desdobradas para cumprir com o distanciamento, intervalos suprimidos e cuidados redobrados nas ações de higienização, são algumas das novidades deste regresso fora de horas que obrigou a repensar e adaptar toda a metodologia de funcionamento: “As escolas estão a ultimar os preparativos e, do que tenho conhecimento, já receberam os materiais de proteção para garantir a segurança de alunos, professores e auxiliares”, acrescenta o vereador, que refere

a maior carga horária dos docentes (com turmas desdobradas), a falta de professores coadjuvantes que substituam aqueles que “por fazerem parte de grupos de risco entregaram atestados médicos” e a grande exigência que recai sobre os técnicos e operacionais encarregados da higienização, “cujos rácios, como sabemos, muitas das vezes já não são cumpridos em condições normais”, como as principais preocupações dos diretores.

Outra das preocupações que lhe vêm sendo transmitidas é o receio das famílias, “legítimo tendo em conta que nestas idades nem sempre é fácil disciplinar o comportamento dos jovens”.

Foi precisamente para tranquilizar os pais, receando que muitos dos alunos acabassem por não comparecer às aulas, que a Escola Básica e Secundária Anselmo de Andrade, em Almada, adotou uma estratégia diferenciada, optando por ministrar aulas presenciais apenas de 15 em 15 dias. O mesmo objetivo, transmitir segurança, esteve na base da iniciativa

levada a cabo pela câmara do Barreiro que tem vindo a desenvolver nas escolas do concelho ações de demonstração, com o apoio da Marinha, para que os “auxiliares soubessem como fazer a limpeza, a separação de resíduos e a higienização dos espaços”, explicou a vereadora da Educação Sara Ferreira.

## PROFESSORES E DIRECTORES APONTAM PRÓS E CONTRAS

Apesar de haver muitas vozes críticas em relação à opção governamental de se retomar o ano letivo, caso da Federação Nacional dos Professores (Fenprof) que através do secretário-geral, Mário Nogueira, considerou que algumas das medidas revelam “irresponsabilidade” e que são apresentadas propostas “absurdas”, nem todos pensam da mesma maneira. Isabel Catarino, professora de matemática na Secundária do Pinhal Novo, por exemplo, considera que na sua escola será fácil retomar as aulas porque “as salas têm 15 secretárias e

basta dividir as turmas”. No que respeita ao comportamento dos alunos, conta com o bom senso: “Apesar de estarem cheios de saudade uns dos outros, a conjuntura arrasta consigo alguns medos. Neste caso, não cumprir as regras, pode ter um preço bem mais elevado do que uma simples chamada de atenção ou uma falta”. Somam-se a isto as inequívocas vantagens do ponto de vista pedagógico: “As aulas presenciais fazem diferença porque, ainda que o ensino à distância esteja a correr bem, quer alunos, quer professores se disciplinam e sistematizam melhor os conhecimentos”.

Perspetiva igualmente otimista tem Maria Gracinda Santos, adjunta da direção na Secundária António Inácio da Cruz, em Grândola: “Estamos preparados e confiantes. A nossa escola é aberta, as turmas estão divididas, temos os materiais de proteção, só falta articular a questão do transporte escolar em locais mais isolados”. ■






**Setúbal aposta em investimentos para o futuro:**

**Regularização do troço final da Ribeira da Figueira e Bacias de Retenção**

Investimento elegível  
**1 070 422,48 €**

Taxa cofinanciamento  
**75,00%**

Contribuição do FCOES  
Fundo de Coesão  
**802 816,86 €**

Autarquia local  
**267 605,62 €**







[mun-setubal.pt](http://mun-setubal.pt)



CÁRITAS DE SETÚBAL A BRAÇOS COM MONTANHA DE URGÊNCIAS

# Mais fome e mais pessoas sem teto

Tem sido uma chuva imensa de telefonemas de pessoas a pedir ajuda!" as palavras de Domingos Sousa, presidente da Cáritas de Setúbal, são o espelho da crise que se abateu na região por culpa da pandemia. No refeitório social, as 280 refeições diárias passaram a 730.

TEXTO MARTA DAVID  
IMAGEM DR

**A CÁRITAS** é das primeiras instituições à qual recorrem as famílias em dificuldades financeiras. A pandemia pôs a nu a fragilidade de alguns empregos e são cada vez mais os pedidos de ajuda que chegam à instituição. Domingos Sousa, presidente da Cáritas de Setúbal, refere ao Semmais que no mês de março a situação ainda foi "relativamente calma porque as pessoas ainda conseguiram esticar o ordenado", mas daí para a frente as coisas complicaram-se. "Em abril muitos já ficaram sem ordenado ou com o mesmo reduzido e, em maio, a situação tornou-se ainda mais complicada" adianta, enquanto identifica as situações mais frágeis: "Os funcionários das pequenas empresas são os que se ressentiram mais, alguns ficaram mesmo sem qualquer rendimento. As trabalhadoras domésticas que deixaram de poder prestar os seus serviços e ficaram completamente despojadas. Depois temos os casos de funcionários

de empresas que entraram em lay-off, mas que não receberam ainda do Estado e não tinham estrutura financeira para pagar aos empregados".

Os pedidos surgem diariamente! Principalmente de apoio alimentar. Esses casos são, regra geral, encaminhados para as paróquias da região que entregam cabazes com bens essenciais e alimentação já confeccionada nos restaurantes sociais. "A ação socio caritativa, criada pelo senhor Bispo, que envolve já 35 paróquias, apoia mais de quatro mil famílias na Diocese. Estamos a falar de mais de treze mil pessoas que recebem este apoio". Um suporte que chega das várias dádivas e de "uma grande onda de solidariedade em torno das paróquias que tem mitigado as necessidades" e que Domingos Sousa teme que se esgote. "Tenho medo que as pessoas se cansem de doar ou que deixem de ter capacidade para o fazer porque antevejo um futuro muito sombrio".

**SALÃO DA CÚRIA TENTA DAR RESPOSTA AOS SEM ABRIGO**

O número de pessoas que recorrem ao refeitório social da Cáritas "disparou assustadoramente e há uma pressão cada vez maior nessa área", explica o presidente da instituição. "Normalmente, o refeitório servia 280 refeições diárias, agora são servidas 730. Para já ainda conseguimos dar resposta, mas é uma área preocupante". Assim como o são os sem abrigo. Há cada vez mais pessoas a viver na rua. A capacidade das camaratas está esgotada e foi preciso encontrar soluções. "A Cáritas pediu o salão da cúria emprestado para fazer face à crescente procura. Neste momento, dormem mais pessoas nas camas improvisadas no salão da cúria do que nas camaratas. Nós mais do que duplicámos a resposta, mas temos de encontrar soluções porque aquele espaço não é indicado para resolver o problema". ■



Ação sócio caritativa apoia mais de 4000 famílias na diocese

## Recolha de fundos através da Diocese

Para além do suporte alimentar, a Cáritas de Setúbal é chamada muitas vezes a ajudar com o pagamento de rendas e de despesas relacionadas com a habitação ou outras. "Sempre que possível encaminhamos os pedidos para a Segurança Social, mas se as respostas não forem suficientes ou tardias, acabamos por intervir e fazer esse financiamento às famílias".

Por enquanto o fundo social da Cáritas ainda dispõe de dinheiro, mas a pandemia coincidiu precisamente com a semana nacional e o peditório público

não se realizou. "Assim como não foi possível contar com os 50% da renúncia quaresmal que estava prometido pelo senhor Bispo porque essa renúncia não foi feita" e, apesar da Cáritas Portuguesa ter fundos próprios, há que encontrar mais formas de angariar verbas. "Vamos lançar uma campanha de recolha de fundos na Diocese para tentarmos angariar valores que serão usados no pagamento das despesas além da alimentação". A ideia do Bispo D. José de Ornelas Carvalho está a ser estudada e será lançada em breve.

# 12 mil pessoas recorreram ao Banco Alimentar

Setúbal é o segundo distrito do país onde mais se fazem sentir os efeitos da pobreza causada pela pandemia.

TEXTO JOÃO BENTO AMARO  
IMAGEM DR

**SÃO QUASE** 12 mil as pessoas que no distrito de Setúbal já recorreram aos serviços do Banco Alimentar contra a Fome. O distrito é, de resto, o segundo com mais pedidos efetuados em todo o país, só sendo suplantado por Lisboa. O problema do desemprego e da falta de meios básicos de subsistência não está, por outro lado, a ser totalmente respondido pelas instituições, que também não possuem meios para ajudar todos os casos que lhes são encaminhados.

A presidente do Banco Alimentar contra Fome, em declarações ao Semmais, diz que a situação que se vive no distrito de Setúbal afeta, sobretudo, as zonas mais urbanas, nomeadamente Almada, Setúbal e Seixal. "Nestas zonas notamos que grande parte dos pedidos são feitos por emigrantes, sobretudo

africanos e brasileiros que, por norma, são pessoas que estavam a trabalhar na restauração, na construção ou noutras atividades em que também não possuíam vínculos. Muitas destas pessoas ficaram sem dinheiro para comprarem alimentos, mas também para poderem pagar as rendas ou até para se deslocarem", disse.

Isabel Jonet, comentando o mapa distrital elaborado desde que foi declarado o início da pandemia, fez questão de esclarecer que o número de pedidos ali expresso (2400) não corresponde ao número de pessoas que efetivamente estão incluídas em cada um deles. "Um pedido corresponde, em média, a 4,5 pessoas, sendo que em Setúbal até já tivemos um que correspondia a 30 pessoas".

Entretanto, dos 2400 pedidos registados, 2156 acabaram por ser reencaminhados para instituições, sendo que, de acordo com a mesma responsável, muitas destas já não possuem meios suficientes para satisfazerem as necessidades de quem as procura.

Grândola e Alcácer do Sal, respetivamente com quatro e cinco pedidos, são os concelhos onde menos têm incidido os efeitos. Mas em Almada, por exemplo, os pedidos já são 596. Em Setúbal 482, e no Seixal 430.

No ano passado, até final de dezembro, a Federação Portuguesa dos Bancos Alimentares Contra a Fome havia apoiado, no distrito, 32.401 pessoas e 192 instituições. Tal significa que este ano, em cerca de dois meses, já se ultrapassou em mais de um terço do total anterior. ■

CONCESSIONÁRIOS DAS PRAIAS DA COSTA QUEREM NOVO PLANO

# Maré alta de incertezas

A abertura da época balnear continua uma incógnita para os concessionários de praia que põem em dúvida o cumprimento dos contratos de concessão, caso as condições não sejam renegociadas.

TEXTO PATRÍCIA BRITO IMAGEM DR

**A POUCOS DIAS** da data marcada para o início da época balnear, a indefinição no que respeita à abertura e à utilização das praias preocupa concessionários de praia e autarcas, mas uma coisa é certa: “Se vão ser revistas as condições e as regras para que as praias possam ser frequentadas em segurança, também há que rever os contratos de concessão”, argumenta ao Semmais Paulo Edson Cunha, assessor jurídico dos concessionários das praias da Costa da Caparica, no concelho de Almada. “Não se podem rever só as obrigações, há que rever também os benefícios. O Plano Integrado de Salvamento (PIS) que foi aprovado e assinado pelas autoridades, Câmara Municipal de Almada e Capitania do Porto de Lisboa, e pela Associação de Apoios de Praia Frente Urbana da Costa da Caparica (AAPFUCC) foi elaborado num cenário completamente diferente, sem vírus, e vai ter que ser revisto”.

Isto porque, explica Paulo Edson Cunha, além de todas as dificuldades por que estão a passar a nível económico - “muitos dos concessionários permanentes não tiveram aprovados os pedidos de lay-off e tenho sérias dúvidas que alguns consigam reabrir” - está igualmente em causa uma situação “de grande injustiça” em que a área de exploração da praia que lhes está atribuída, só poderá receber metade das pessoas. “Ora, se há apenas metade da retribuição e os encargos são os mesmos, vai ser muito difícil sobreviver”. O advogado refere-se principalmente à obrigação de os concessionários de praia manterem um nadador-salvador de 50 em 50 metros, “o que, dadas as circunstâncias, não se justifica”.

Para já, foi pedida uma reunião com carácter de urgência à Câmara Municipal de Almada para tentar encontrar soluções que passem pelo apoio do Estado e do município no que respeita à vigilância reforçada das praias “essa responsabilidade não pode ser atribuição dos concessionários, não é essa a sua função.” A alternativa é diminuir o número de vigilantes necessários por concessão, mas terá de ser a Autoridade Marítima Nacional a decretar a exceção à regra.

## NADADORES-SALVADORES PRECISAM-SE PARA PARA 4KM

Numa área de quatro quilómetros e meio, onde operam 11 concessionários que, por ano, empregam em média 500 pessoas, seriam necessários 12 a 15 nadadores salvadores, pelas contas do presidente da AAPFUCC, Acácio Bernardo. E embora a associação a que preside já tenha contratado para esta época balnear parte dos nadadores-salvadores exigidos, a falta de profissionais que assegurem a vigilância “é uma doença endémica, um problema que já vem de trás e que se coloca todos os anos”. Paulo Edson Cunha confirma que a falta de vigilantes é recorrente e que houve épocas balneares em que tiveram de recorrer à contratação de brasileiros. “Depois, por sugestão da Capitania, criou-se uma associação de nadadores-salvadores à qual os concessionários pagam, mas a lei não acompanhou o processo e quando os profissionais faltam ao trabalho quem paga as coimas são os concessionários”. Coimas essas que só no ano passado perfizeram um total de mais



de 50 mil euros.

Este ano a situação tende a agravar-se porque, com a declaração do estado de emergência, foram suspensos os cursos de formação para profissionais da área. Segundo o presidente da Federação Portuguesa de Nadadores-Salvadores apenas metade dos profissionais formados voltam a trabalhar na época seguinte, pelo que é necessário formar, anualmente, cerca de metade dos que são precisos. ■

Crise levou concessionários a reduzir vigilantes

## Manual de utilização por concluir

A cerca de 15 dias da data prevista para a abertura da época balnear, está ainda por concluir o tão aguardado manual de procedimentos para a utilização segura das praias. O documento, cuja elaboração está a cargo da Comissão Técnica de Acompanhamento das águas balneares, liderada pela Agência Portuguesa do Ambiente (APA) e da qual fazem parte instituições como a Direção Geral de Saúde (DGS), a Autoridade Marítima Nacional, o Instituto de Socorros a Náufragos, a Associação Nacional de Municípios Portugueses ou a Associação Bandeira Azul,

tem por missão definir as regras segundo as quais serão aplicadas, no espaço balnear, as orientações da DGS. No entanto, como referiu na passada quinta-feira, em conferência de imprensa, a Diretora Geral de Saúde, Graça Freitas, “há muitas instituições que estão a dar o seu parecer técnico, avaliando os riscos e encontrando soluções, e, por parte da DGS esse trabalho ainda não foi terminado”.

Findo o processo, competirá à APA em articulação com as diferentes capitánias e autarquias, definir praia a praia as nor-

mas adaptadas às especificidades de cada areal. Até lá, as autarquias vão estudando hipóteses e ensaiando soluções que permitam cumprir algumas das regras que, já se sabe, serão incontornáveis, como a necessidade de manter o distanciamento social e de haver uma lotação máxima por areal. Pulseiras de acesso, vigilância através de drones, semáforos para indicar aos banhistas a lotação das praias ou cordas para limitar o espaço nos areais, são algumas das propostas feitas pelos municípios.

DUARTE CORDEIRO COORDENOU RESPOSTAS À COVID-19 NA PENÍNSULA DE SETÚBAL

# “Foram feitos mais de 5000 testes aos profissionais dos lares”

O secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, a quem foi confiada a missão de coordenar a resposta à Covid-19 na Região de Lisboa e Vale do Tejo, faz um ponto de situação das várias operações em curso, nomeadamente da testagem aos profissionais dos lares e das creches. Segue-se o acompanhamento à abertura das praias.

TEXTO RAUL TAVARES IMAGEM DR



**Que balanço faz da coordenação operada na AML, nomeadamente no que toca aos municípios da Península?**

O balanço é muito positivo. Quando fomos nomeados, foram-nos definidos vários objetivos entre os quais o acompanhamento de perto da situação dos lares - acompanhar os mecanismos de prevenção dos lares no que respeita ao seu funcionamento, testar os seus profissionais e procurar cortar o risco que podia existir de transmissão daqueles que testassem positivo e identificar locais de retaguarda para alojar doentes que testassem positivo e não tivessem resposta na instituição ou no município onde se encontrassem. Encontrámos aqui lugares de retaguarda que respondem a necessidades de natureza regional e isso foi identificado também na Península de Setúbal com uma solução para a região inteira que foi a Base Naval de Lisboa, no Alfeite. Aqui temos 357 camas das 859 que temos disponíveis em toda a região de Lisboa e Vale do Tejo. Portanto, naquilo que eram os três principais objetivos que nos tinham identificado no início do nosso trabalho, penso que o balanço foi muito positivo.

**O processo de testagem nos lares ficou concluído?**

A primeira parte do processo dos testes nos lares corresponde aos testes dos profissionais dos lares que têm acordo com a segurança social ou lares privados e isso estará concluído até ao final desta semana (ontem, sexta-feira).

**Mas podemos ter uma ideia do número de testes realizados?**

Na Península de Setúbal fizemos mais de 5 mil testes em 222 equipamentos. De seguida vamos procurar também acompanhar a situação dos lares que não têm a sua situação regularizada na segurança social.

**Quais foram os principais constrangimentos ou obstáculos nesse processo, no que toca à região?**

Toda esta operação assenta na capacidade de testagem que identificámos em algumas instituições do ensino superior com laboratórios científicos e tivemos de aguardar que algumas delas estivessem preparadas para arrancar. Esse talvez seja o principal constrangimento, na medida em que limita o número de testes que conseguimos realizar diariamente, ainda assim, conseguimos fazer isto num curto espaço de tempo.

“

*O nosso objetivo era acabar o processo da testagem antes de se iniciar a fase de maior abertura, que vai coincidir com a reinício das aulas*

## Missão para ser coordenada até a abertura das praias

Duarte Cordeiro destaca que ao abrigo desta missão que lhe foi confiada pelo Governo, foram realizados testes aos profissionais das creches, processo que, segundo o secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares, ficou concluído esta semana, “antes da reabertura” deste tipo de equipamentos. Só na Penín-

sula de Setúbal foram testados mais de dois mil profissionais. O membro do Governo afirma que assim que estiverem definidas as orientações gerais para a abertura das praias, vai também avançar um processo idêntico de testagem, em consonância com os municípios da região.

SUBSCREVA

# NEWSLETTER

MUNICÍPIO DO MONTIJO

RECEBA AS ÚLTIMAS NOTÍCIAS E EVENTOS

Montijo  
Câmara Municipal



### A ideia base seria sempre concluir este processo antes do desconfinamento ou nem por isso?

Sim, o nosso objetivo era acabar este processo antes de se iniciar a fase de maior abertura, que vai coincidir com o reinício das aulas, e conseguimos. Esse objetivo foi concretizado.

### O que se segue agora?

Como disse, estamos agora a alargar horizontes a universos de testagem aos lares que não têm situação regularizada. Mas quero salientar o trabalho de base que existe na Comissão Distrital de Proteção Civil é extraordinário, e devo dizer que temos um ótimo comando distrital de proteção civil, uma boa articulação entre a Segurança Social e as Autoridades de Saúde, e também uma enorme disponibilização das Forças de Segurança e das Forças Armadas num espírito de trabalho coletivo em que os municípios também têm tido um papel muito importante no apoio da primeira resposta. Portanto, a base de trabalho era muito boa na Península de Setúbal e isso facilitou muito todo este trabalho que nós viemos acrescentar. A Segurança Social e a Saúde não têm pouado esforços.

### Na informação que recolheu como lhe pareceu o estado geral dos lares?

Uma das nossas preocupações resulta do facto de estarmos a lidar com uma

população que, pela idade que tem e pelo facto de estar confinada, tem riscos acrescidos. Quando avançamos com a operação de testes verificámos que os resultados positivos dos profissionais têm sido baixos o que significa que tem havido cuidado e atenção do ponto de vista da prevenção na relação destes profissionais com as instituições, o que tem sido bastante satisfatório. Isto tem sido um processo.

### Mas eram muitas as queixas de falta de equipamentos de proteção individual...

No início, sim, havia a preocupação de não existir equipamentos de proteção individual nas instituições, mas esse assunto hoje tem vindo a ser ultrapassado. As instituições também se têm mostrado colaborantes e os resultados também têm sinalizado que existe prevenção e cuidado, no entanto acho que este é um trabalho em contínuo. Os testes acabam por dar-nos uma fotografia de cada realidade e o que nos têm mostrado é que esta está assente numa base de trabalho sólida. Eu diria que os resultados têm demonstrado que as instituições têm tido alguns cuidados. De resto, temos apostado muito na prevenção.

Repare, antes dos testes enviámos para as entidades que acolhem os idosos um questionário sobre os seus procedimentos no que respeita à saúde e higiene de modo a conhecer as condições sanitárias dos lares para lidar com a Covid-19.

### Que respostas obtiveram?

A taxa de resposta foi muito positiva, atingindo 81%, e os dados foram transmitidos à Segurança Social e à Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo para apoiar o acompanhamento permanente que estas fazem das instituições. O que verificámos, quer com essas respostas, quer com as visitas que depois eram feitas pela Proteção Civil antecedendo a realização dos testes, é que todas as instituições e a segurança social tinham planos de contingência. O que acontecia era que, muitas vezes, os planos de contingência não estavam adaptados a esta realidade de uma pandemia com um elevado nível de contágio.

### Isso confirma a ideia de muitos especialistas quando afirmaram que os lares não se prepararam convenientemente, em termos de prevenção, face à pandemia?

O que lhe posso dizer é que nenhum de nós estava preparado para esta pandemia e, apesar dos lares terem planos de contingência, estes muitas vezes não estavam adaptados a este nível de pandemia. No fundo, faltava agilizar algumas regras que mostraram ser muito importantes nesta crise: os circuitos dos profissionais que entram e saem, os seus equipamentos, a divisão sujos/limpos. Alguns lares já estavam adaptados e outros não e tiveram de se adaptar.

### A situação dos lares ilegais ou clandestinos é uma preocupação? Como tem acompanhado esses processos?

É uma preocupação naturalmente. As decisões que têm sido tomadas ao nível dos municípios da Área Metropolitana de Lisboa e ao nível da Comissão distrital de proteção civil de Setúbal passam por visitar essas instituições como fomos visitar todas as restantes, verificar os seus procedimentos e procurar testar os seus profissionais.

### Os municípios da região agiram de diferentes formas, e alguns mantêm situação de emergência. Justifica-se?

Tendo em conta que continuamos em estado de calamidade julgo que sim, que se justifica. ■



*A região tem uma Comissão Distrital de Proteção Civil que tem feito um trabalho de base extraordinário e de grande articulação*

conheça todas as medidas em

[aml.pt](http://aml.pt)

# seguramente, vá de transportes.



higienização e limpeza frequentes



mantenha o distanciamento físico na paragem, à entrada e saída dos veículos



respeite o limite de lotação e não fique junto ao motorista



cumpra com o uso obrigatório de máscara durante a viagem



valide o seu título de transporte e evite tocar no validador



compre o seu título antecipadamente através do multibanco, postos e agentes disponíveis



informe-se sobre as medidas de segurança adotadas pelo operador

a. . .

. . m. área metropolitana de lisboa

. l. .

antrop

carris

COMBOIOS DE PORTUGAL

fertagus

F

MOBI CASCAIS

MTS

T&B Mobilidade Sustentável

TLS

AUTOEUROPA COMEMOROU A 26 DE ABRIL 25 ANOS DE ATIVIDADE

# Empresa quer motores por perto

No ano em que comemora 25 anos de laboração, e perante uma paragem forçada devido à pandemia, a Autoeuropa tem novos desafios. Em abril foi responsável pela totalidade de viaturas ligeiras produzidas em Portugal.

TEXTO ANABELA VENTURA IMAGEM DR

O **DIRETOR-GERAL** da Autoeuropa, Miguel Sanches, já deu o mote para um novo desafio da empresa: “criar as condições para que se façam mais Volkswagens em Portugal do que na Alemanha”.

É uma meta de grande envergadura para a unidade de Palmela, que comemorou, no dia 26 de abril, 25 anos de laboração, e que goza de grande reconhecimento por parte da marca, com sede em Wolfsburg, Alemanha, nomeadamente pelos índices de produtividade que tem vindo a alcançar dentro do grupo automóvel.

Este ambicioso objetivo foi dado a conhecer, esta semana, durante uma visita à unidade de Palmela, que juntou o presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, e o Primeiro-Ministro, António Costa. Na ocasião, o líder da Autoeuropa reafirmou que a empresa “precisa de ganhar volume”, porque, exemplificou, “as fábricas de motores instalam-se junto às fábricas de maior volume”.

Durante a visita das duas altas figuras do Estado, o Primeiro-Mi-

nistro aplaudiu a disposição dos responsáveis da empresa de quere-m mais produção na Autoeuropa, afirmando que é preciso ganhar peso nas cadeias de produção na Europa, e dessa forma, conquistar fábricas de motores para Palmela, das quais a empresa depende. E se os motores vierem da Polónia para Portugal ou se foram de Portugal para a Polónia, “a distância é exatamente a mesma”, aduziu António Costa. Por outro lado, acrescentou, “se passarem a ser produzidos em Portugal, é verdade que a distância para a Alemanha é um bocadinho maior”, mas com a vantagem das fronteiras “nunca fecharem, nem estarem sujeitas a incidentes”.

## TODA A PRODUÇÃO EM ABRIL DE VEÍCULOS LIGEIRAS EM PORTUGAL

A provar a dimensão da Autoeuropa, que gerou em torno da sua fábrica de produção de veículos um gigantesco parque industrial, a maior parte formado por empresas de componentes automóveis, está o facto de ter sido em abril responsável pela to-

talidade dos veículos ligeiros produzidos em Portugal, num total de 1.232 automóveis, mês em que a produção nacional contou apenas com mais seis pesados saídos da CaetanoBus.

Ainda assim, devido aos efeitos da pandemia, muito abaixo dos 21.657 veículos fabricados no mês homólogo de 2019, o que equivale a uma queda de 94,3% na produção da fábrica de Palmela, obrigada a suspender a atividade em 17 de março, só a retomando parcialmente a 27 de abril.

Por marcas, neste período de laboração em baixa, a empresa produziu 1.151 Volkswagen e 81 Seat, o que representa quedas homólogas de 94,2% e 95,8%, respetivamente.

A empresa, apresta-se agora para voltar à laboração de três turnos e confia, segundo o seu diretor-geral, na abertura de mercados fundamentais para a unidade, nomeadamente Alemanha, Itália, Espanha, Reino Unido e França, que valem 70% da sua produção, e que se espera “serem os primeiros a recuperar e a abrir”. ■



# Portos de Sines e Setúbal superaram pandemia

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

OS **PORTOS** de Sines e Setúbal, tal como os restantes nacionais, registaram nos primeiros quatro meses de 2020, quebras gerais que podem ter chegado aos 20 por cento face a igual período do ano passado. São valores idênticos aos verificados em todas as estruturas europeias e que não geram grandes preocupações junto dos responsáveis da Associação Portos de Portugal (APP), que assinalam até alguma recuperação já evidenciada durante o mês de abril.

Em conversa com o Semmais, o presidente da APP, José Luís Cacho, que também lidera a administração do Porto de Sines, confirmou que a situação dos dois mais importantes portos do distrito de Setúbal “está estabilizada”, sendo que em alguns tipos de operações até se verificaram, recentemente, algumas subidas de atividade. Ainda assim, face a mais de

dois meses de restrições, é sempre de prever que existam diminuições fazendo a comparação com igual período do ano transato. “São quebras iguais às verificadas em toda a Europa e que nunca serão superiores a 20 por cento”, acrescentou.

No caso concreto de Sines, a administração local já contava com os decréscimos causados devido à diminuição da laboração e encerramentos das centrais elétricas de carvão do Pego (Abrantes) e São Torpes. Também a paragem dos serviços da Galp, durante um mês, causou algum abaixamento na atividade portuária.

“No computo geral, em relação a Sines, e penso que também a Setúbal e os restantes portos nacionais, o abaixamento não é assim tão grave. Todos estão abertos e a trabalhar 24 horas por dia. Não podemos esquecer

que mesmo antes de ser declarada a pandemia existiam contratos assinados e cargas em movimento, pelo que ficou sempre garantida alguma estabilidade. Há sim encerramentos em atividades associadas aos portos, atividades como a hotelaria e restauração ou os cruzeiros. Essas são atividades que vieram para o zero. Também nas pescas terá havido algum decréscimo”, adiantou ainda José Luís Cacho.

Números da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT) referentes aos portos, dizem que houve, no global do país, um decréscimo de embarques e desembarques de mercadorias de 3,2 e 4,1 por cento, sendo que esta atividade foi, em março, predominante no porto de Sines. “O Porto de Sines continua a liderar a estrutura de quotas, com 49,7 por cento do total”, diz o mesmo organismo.

Já Setúbal teve neste setor uma quebra de 7,3 por cento face a igual período do ano anterior.

Relativamente aos contentores, a quebra nacional terá sido de quase 11 por cento (menos 82 mil unidades), das quais 55,5 mil são relativas a Sines que, mesmo assim, é responsável por 56,4 por cento destas cargas em todo o país. Setúbal é o quarto porto nacional neste segmento, com 5,1 por cento.

Em Setúbal, conforme apurou o Semmais, os serviços destacam a boa resistência do porto à pandemia. O abaixamento mais sentido ter-se-á ficado a dever à paragem da Autoeuropa. No entanto, se se verificou uma diminuição relativa à movimentação unitária de cargas, convém salientar que já em abril terá sido notada uma evolução positiva relativamente à carga de contentores. ■



# Restauração do distrito prepara-se com ansiedade

Sujeitos às apertadas normas da Direção Geral de Saúde, os proprietários dos restaurantes preparam a reabertura com muitas dúvidas e ansiedade.

TEXTO MARTA DAVID  
IMAGEM DR



Proprietários implementaram regras da DGS, mas temem receios dos clientes

**O PRÓXIMO PASSO** do desconfinamento passa pela abertura da restauração já na segunda-feira, dia 18, depois de um período de mais de dois meses em que muitos estabelecimentos trabalharam em regime de take away ou de entregas.

Aos proprietários cabem um conjunto de regras a aplicar, desde o distanciamento de mesas e consequente redução de lugares às medidas especiais de higienização de todos os utensílios colocados à disposição dos clientes, como ementas ou galheteiros. Toda uma nova forma de estar e servir que levou a AHRESP a criar o “Guia de boas práticas pós Covid-19” com cerca de cinquenta páginas de regras e conselhos.

Por parte de quem regressa agora ao trabalho há ansiedade e muitas dúvidas. “Estamos todos com vontade de voltar a trabalhar. Foram muitos dias de porta fechada”, desabafa ao Semmais o dono de um restaurante. Garante que vai implementar as regras da Direção Geral de Saúde, mas teme que os clientes tenham receios. “Muita gente diz que não se sente segura ainda. Sei que alguns dos clientes habituais vão voltar, já disseram, mas vai demorar muito tempo até que

a engrenagem volte a funcionar”.

A quebra de rendimentos de muitas famílias vai afastar muita gente dos restaurantes, mas para além disso há ainda quem tenha medo de voltar a frequentar estes espaços. Carla Rodrigues é cliente habitual, até porque o marido é chefe de cozinha numa marisqueira, no entanto considera que “é cedo demais para abrir esses espaços e tao cedo não os frequentarei”. Opinião semelhante à de Lúcia Ferreira que prefere esperar para ver. “Por enquanto ainda não vou... Compreendo que eles têm de retomar a atividade e é necessário que a retomem, mas ainda é cedo para mim. Vou deixar passar uns tempos, ver como corre e depois logo se vê”. Há ainda quem veja a restauração como um espaço de convívio e enquanto isso não for possível “ir jantar a um restaurante não será o mesmo prazer”.

Mas há também quem esteja com muita vontade de ir comer fora. E, a abertura da restauração, é também a solução para quem precisa de fazer refeições fora do lar no intervalo de trabalho e que durante este período não tinha alternativas.

## PEQUENO COMÉRCIO COMEÇA A DAR OS PRIMEIROS PASSOS

Entretanto, o pequeno comércio já abriu portas há duas semanas, mas o movimento está muito longe do desejado. A obrigação de menos clientes no interior das lojas faz com que muitos “não queiram ficar à espera”, diz Ângela Lopes, proprietária de uma boutique. “Se fosse para comprar um bem essencial as pessoas esperavam, mas uma camisola ou umas calças não são um bem de primeira necessidade”. Associado a isso está o desconforto de experimentar uma peça que “não se sabe quem lhe tocou” e que afasta o cliente do provedor. Cabeleireiros, esteticistas e serviços de embelezamento parecem ter o caminho mais normalizado. O facto de já anteriormente praticarem muitas das regras de higiene agora implementadas não alterou muito os hábitos. A maior diferença reside na obrigatoriedade de marcação prévia e na exigência de espaçamento entre clientes, algo nem sempre é fácil em espaços de menor dimensão. ■

## Chuva de prémios em ano de centenário

No ano em que comemora cem anos de vinhas e vinho, a Casa Ermelinda Freitas continua a arrebatar prémios à escala mundial. O primeiro trimestre do ano trouxe mais de 50 novos galardões.

TEXTO ANABELA VENTURA IMAGEM DR

**A CASA ERMELINDA FREITAS** conquistou doze medalhas, 4 de ouro, 6 de prata e 2 de bronze, no concurso “Sommelier Wine Awards 2020”, sendo de destacar as de ouro conquistadas com os vinhos Dona Ermelinda Reserva Bruto 2018, Dona Ermelinda Reserva 2017 e Terras do Pó Castas 2018.

A grande novidade deste ano foi a conquista da medalha de ouro do vinho Campos do Minho, o mais recente projeto da Casa Ermelinda Freitas no norte do país, nomeadamente na área dos vinhos verdes produzidos na Quinta do Minho.

Segundo a empresa vitivinícola de Palmela, estes resultados “servem de reforço ao prémio que foi obtido o ano passado” onde, na mesa competição, foi considerada melhor produtora de vinho da Europa.

As medalhas de prata foram atribuídas ao Dona Ermelinda Branco 2018, CEF Merlot Reserva 2017, Vinha do Torrão Tinto 2019, Vinha do Torrão Reserva 2018, CEF Cabernet Sauvignon Reser-

va 2017 e CEF Moscatel Roxo de Setúbal Superior 2010.

“Estamos perante o melhor ano de sempre no que toca a prémios e distinções, nos primeiros três meses a Casa Ermelinda Freitas já obteve 32 medalhas de ouro, 24 medalhas de prata, num total de 56 medalhas”, refere uma fonte da comunicação da empresa. Destas, destaca-se o prémio de Best Of Show Península de Setúbal, atribuído ao vinho Vinha do Torrão Reserva, no concurso Mundus Vini 2020 - Edição Primavera, bem como as 3 ProdExpo Star, conquistadas pelo Vinha da Valentina Reserva Signature, Vinha do Fava Touriga Nacional 2018 e Valoroso Chardonnay 2018, na competição ProdExpo 2020 que decorre na Rússia.

No ano em que assinala os 100 Anos de Vinhas e Vinhos, a empresa tem profundas raízes na região de Fernando Pó, em Palmela, na Península de Setúbal, e as suas marcas têm atingido grande projeção nos mercados nacional e internacional. ■



Três dos quatro vinhos distinguidos com medalha de ouro

## CIMAL cria plano para empresas

**A COMUNIDADE INTERMUNICIPAL** do Alentejo Litoral (CIMAL), que integra os municípios de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira (Beja), lançou um programa de colaboração e de apoio às micro, pequenas e médias empresas da região, para minimizar o impacto da pandemia.

Lançado em parceria com a consultora Deloitte e disponível a partir de terça-feira, através de uma linha de atendimento gratuita para o registo de solicitações das PME, o projeto inclui um conjunto de serviços especializados nas áreas da gestão, fiscalidade, jurídica e operacional, para “auxiliar as empresas na tomada de decisões e na implementação de medidas de resposta durante o ciclo de gestão de crise que as empresas enfrentam”.

Nas palavras de Vítor Proença, presidente da CIMAL, face ao atual cenário, “os cinco municípios do litoral alentejano consideraram urgente a adoção de medidas não só de proteção, mas que vão mais além no auxílio às pequenas e médias empresas, que representam uma enorme fatia da economia local”. ■





**S+**

A nova rede  
das regiões  
de Setúbal  
e Alentejo.

DIGITAL

# sem mais

MAIS VALOR COM O SEU  
**SEMMAIS** DE SEMPRE!

**semmais.pt**

 /jornalsemmas e  /semmaisedicaooalentejo





Dia Mundial do Teatro vai ser comemorado sem representações presenciais

DISTRITO BEM REPRESENTADO NAS 7 MARAVILHAS

# Quinze patrimónios aos títulos

Num distrito de características distintas e multiculturais, quinze candidaturas às 7 Maravilhas da Cultura Popular defendem o que de melhor a região tem. A gala final acontece em setembro.

TEXTO MARTA DAVID IMAGEM DR

**A MARCA 7 MARAVILHAS** continua a divulgar o que cada região tem de melhor para oferecer, desde as tradições culturais e gastronómicas até aquilo com que a natureza a brindou.

O desafio este ano é “evidenciar a vivência e reconhecimento do património cultural e eleger o que de melhor Portugal tem, enfatizando as tradições, associadas a uma determinada região do país” através de sete categorias: artesanato, lendas e mitos, festas e feiras, músicas e danças, rituais e costumes, procissões e romarias e artefactos.

Cada distrito poderia apresentar até 21 patrimónios a concurso, mas Setúbal concorre apenas com quinze que, em finais de julho, serão reduzidos a sete por distrito após a análise e a avaliação do painel de especialistas. Depois, num programa televisivo realizado em cada uma das regiões, será escolhido pelo público um património que fará parte dos 28 semifinalistas. Na última semana de agosto ficam definidos os catorze finalistas que, em princípio, no dia 5 de

setembro, vão a votos pelo galardão de Maravilha da Cultura Popular.

Patrimónios da região dispersos pelos concelhos do território

Na categoria Artesanato, a correeira, de Alcácer do Sal, e as pinturas tradicionais em embarcações, da Moita, são os dois representantes. A Valsa Mandada, típica de Grândola, as Bandas Filarmónicas do concelho de Alcácer e a Huga Huga - dança tradicional do Rosário (Moita) - são os nomeados na categoria Música e Dança.

A categoria Procissões e Romarias é aquela em que o distrito apresenta mais patrimónios com as Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem e a Romaria a Cavalinho Moita - Viana do Alentejo, da Moita, a concorrer lado a lado com o Círio de Nossa Senhora de Troia, Setúbal, e a Festa em Honra de Nossa Senhora da Atalaia, do Montijo.

A Lenda de Nossa Senhora da Arrábida concorre na categoria Lendas e Mitos, enquanto a Coqueira, de Grândola, concorre nos Rituais e Costumes.



As Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem estão também nomeadas na Categoria Festas e Feiras, onde concorre também a Feira de Sant'Iago, de Setúbal. O Varino “Boa Viagem”, da Moita, e o Chapéu do Descarregador de Peixe, de Setúbal, fecham o leque de patrimónios na categoria Artefactos. ■

## Singularidade orgulha Rui Garcia

O presidente da câmara da Moita congratula-se com a seleção de cinco patrimónios do concelho. Para Rui Garcia “a autenticidade e a singularidade dos patrimónios a concurso são motivo de orgulho da população do concelho e de atração por parte de quem nos visita”. Entre os vários nomeados, o autarca salienta a preservação e a divulgação das pinturas tradicionais em embarcações e do Varino “Boa Viagem” inseridas no projeto municipal “Moita, Património do Tejo”, que “visa a preservação das técnicas de construção tradicional de embarcações em madeira empregues na Estaleiro Naval de Sarilhos Pequenos”.

## Bibliotecas e Museus reabrem a meio gás

Alguns municípios vão abrir ao público de forma controlada os museus e bibliotecas, mas alguns serviços ainda não vão estar disponíveis. As salas de espetáculos aguardam diretrizes.

TEXTO MARTA DAVID

**A CULTURA** segue os passos do resto das atividades e vai assumindo a fase de desconfinamento, primeiro com os museus e bibliotecas a abrirem portas de forma condicionada, enquanto as grandes salas de espetáculo esperam por indicações concretas para reabrir.

Em Setúbal, a autarquia vai aproveitar o Dia Internacional dos Museus para reabrir museus e galerias “com regras de funcionamento especiais adequadas a esta crise sanitária”, medidas que incluem a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção ou viseira e a desinfeção das mãos à entrada. “A redução do número de utilizadores é outra das medidas, bem como a suspensão das visitas de grupos”, adianta a autarquia.

Alcochete assinala também a data com a reabertura do Núcleo Sede do Museu Municipal com um horário especial, entre as 14h30 e as 18h00.

Nos dias seguintes o horário de abertura mantém-se e fecha meia hora mais tarde. Há também regras para frequentar o local “uso obrigatório de máscara e um máximo de quatro visitantes em permanência. As entradas são individuais e o limite de tempo de permanência é de hora e meia”.

### PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS EM PAPEL INDISPONÍVEIS EM ALCÁCER

Em Alcácer, o Museu Municipal Pedro Nunes, a Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal e o Museu Etnográfico do Torrão reabrem também a 18 de maio, com as devidas medidas de segurança. Já as bibliotecas estão em funcionamento desde dia 11, com visitas condicionadas ao tamanho dos espaços. Na biblioteca do Torrão, por exemplo, é permitida a permanência de três pessoas em simultâneo, duas na sala de

leitura e uma na sala de multimédia. Na biblioteca municipal, em Alcácer, o número de pessoas em simultâneo pode ser de dez, mas alguns serviços estão condicionados. “Não é permitida a leitura de jornais e revistas em papel e a permanência nos espaços da biblioteca está limitada a uma hora para consulta de documentos e meia hora para a utilização de computadores”.

Na Moita, a Rede de Bibliotecas Municipais “iniciou, no passado dia 12 de maio, o serviço de empréstimo domiciliário, por marcação prévia e ainda efetuado no espaço exterior às bibliotecas, durante o mês de junho, vai proceder à segunda fase de abertura, ainda não estando prevista uma data”.

Por enquanto, no Seixal, ainda não há data prevista para a reabertura dos equipamentos de cultura e, segundo a autarquia, “essas decisões serão tomadas apenas no final deste mês”. ■

EDITORIAL  
RAUL TAVARES  
DIRETOR

## Tempo de repensar o apoio aos idosos

**AGORA** que a diminuição dos números levaram aos primeiros passos do necessário e urgente desconfinação controlado, bem como a uma maior tranquilidade nos hospitais, as atenções desta fase da pandemia têm-se centrado nos lares e residências para idosos.

Há várias lições a retirar neste aspeto e nem todas abonam a favor de um Estado que devia tratar dos seus mais velhos e das gerações que muito fizeram pelo país e pela comunidade. Noutros lugares do mundo, não tenhamos dúvidas - mesmo que seja um pensamento algo macabro - haverá quem pense que a mortalidade das populações mais idosas seria sempre um fabuloso salto para a sustentabilidade das políticas sociais, para as estatísticas sobre o envelhecimento populacional e para tantas outras equações possíveis de determinar.

Felizmente, e apesar de tudo, o caso português é diferente. Cuidar da nossa terceira idade faz parte de uma cultura enraizada na sociedade e no Estado, embora nem sempre da melhor maneira, seja pelas parcas reformas que algumas gerações tiveram e têm com que se confrontar, seja pelas

condições miseráveis como vivem muitos dos nossos idosos, a começar pelo abandono, isolamento e solidão. A par disto, há uma pesada rede de pseudo lares e residências que mais parecem albergues de vão-de-escada, que arrumam e encaixotam seres humanos a magote.

A pandemia trouxe ao de cima um fenómeno que todos conheciam e, não raramente, se fechava os olhos. Os lares clandestinos que nascem como cogumelos por todo o país e também na nossa região. Não se pode medir todos pela mesma bitola, mas é preciso fazer alguma coisa mais séria. Há muitos anos que se convencionou tratar a geriatria como um cluster de grande crescimento no país, exatamente porque uma fasquia grande da nossa população está envelhecida e a esperança de vida é uma gigantesca conquista da ciência e do nosso Sistema Nacional de Saúde. Mas não pode crescer a todo o custo.

Estamos, agora, perante uma oportunidade decisiva para arrumar a casa, repensar o apoio ao idoso, nos lares e fora deles, e garantir-lhes um final de vida harmonioso. Separar o trigo do joio e impor regras mais duras, oferecendo a essa população as condições de vida que merece. ■

ESPAÇO LIVRE  
E ABERTO  
ZEFERINO BOAL  
COLABORADOR

## Voltar acreditar

**A NOVA ERA** pós Covid-19, será retomada moderadamente por parte dos decisores políticos, no entanto as pessoas e em especial nas áreas económicas e sociais sentem uma motivação de aceleração o quanto antes para recuperar tempo neutralizado. Obviamente, a política alternativa, ou seja, o PSD, não pode continuar confinado em parte alguma do país.

Se o ano 2020 é tranquilo na avaliação externa que são os atos eleitorais, a prova de fogo dos decisores políticos em 2021, existirá com um obstáculo enorme ao atual PSD Nacional e em especial no distrito de Setúbal. Devem procurar um resultado honroso e dignificante da História do partido.

Os cidadãos de Setúbal procuram ver os sinais que o PSD dará à sociedade, os quais com a pandemia colocou em absoluto silêncio, a maioria das estruturas. Os eleitores resistentes no PSD e os novos a conquistar tem que Voltar Acreditar nas estruturas partidárias do PSD, na generalidade, e esperam por novos rostos com jovialidade e alegria no debate, com horizontes de projeção e afastarem-se dos confinamentos das relações de amizade e profissionais que em muito têm contribuído para o afunilamento e decréscimo do PSD no distrito, não sendo, assim uma verdadeira alternativa autárquica.

Um partido de dimensão nacional não pode disputar a 2ª liga autárquica em Setúbal, muito em especial pela falta de capacidade e competência dos últimos treinadores /orientadores a diferentes níveis de decisão, para não falar do banco de suplentes, ou seja, alguns figurantes secundários.

Voltar Acreditar é necessário unir e

expurgar as pequenas lutas internas, as quais devem consubstanciar as divergências em convergências agregadoras; enquanto tal não acontecer o PSD do distrito de Setúbal, não se pode orgulhar da grandeza que almeja. Debelada parcialmente o efeito da pandemia, a centralidade da política deve ocupar o espaço social que se deseja. Os eleitores / cidadãos afetos ao PSD merecem melhor, com intuito de poderem participar na resolução dos problemas futuros do País, sejam no âmbito cultural, na discriminação social e étnica, passando pelas questões profissionais. Chegou a hora de virar a página de dar a oportunidade a uma nova geração que amadureceu com novos instrumentos de intervenção e não faz discriminação de personalidades, nem patrocina conflitos de atitudes.

A pandemia também serviu para se descobrir que o partido comunista que tem um peso eleitoral no âmbito autárquico é uma virose que urge combater, porque para a sobrevivência dos seus líderes não olham a meios para enganar o povo e fingirem que têm uma grande força sindical, a qual mais não serve do que ocultar formas de subsídio da atividade política, mesmo que coloquem em risco a saúde pública; tivemos a prova dos atos fúnebres do 1º de Maio. Possamos nós cidadãos do distrito de Setúbal contribuir para o enterro da dita Festa do Avante, quando estamos impedidos de conviver nas verdadeiras festas populares, enquanto aquela não é mais do que um evento de angariação de capital para enganar o povo.

Os eleitores e militantes do PSD não podem ter receio de Voltar Acreditar na nova era pós Covid-19. ■

CRÓNICAS DISTO  
E DAQUILO  
CATARINA TAVARES  
DIRIGENTE SINDICAL

## Normalidade bizarra

**E O INESPERADO ACONTECEU.** De uma semana para a outra vimo-nos confinados, trancados, isolados, vítimas de rituais de limpeza. O futuro que se andava a anunciar fez-se presente num piscar de olhos: o teletrabalho e a videoconferência, os drones a controlar a ordem pública, as apps que controlam os infectados e os seus contactos.... Tudo chegou de uma assentada. Ainda estamos, todos, a tentar conseguir processar. Bem sei que as alterações são cada vez mais rápidas e bruscas, mas o covid-19 impulsionou as mudanças que se adivinhavam para os próximos anos e, num passe de mágica, tornou-as presente. E que presente!! Estamos confrontados com um novo normal em que se espera que cada um de nós se comporte como

uma ilha, fechado na concha, reduzindo o contacto físico com o exterior. De uma assentada, formas de trabalhar, modelos de empresa, mobilidade, relacionamento social...tudo mudou. No meio de tudo isto, que seria de nós sem a internet??

Começamos agora a regressar ao normal, mas, a “nova normalidade” é, convenhamos bastante bizarra. Ontem, de uma ida ao supermercado trouxeram-me uma viseira! Hoje, ofereceram-me um kit de gel desinfetante e máscaras. Encontram-se os amigos e os familiares num misto de entusiasmo e de “chega para lá”. Descobrem-se os interiores das casas de todas as figuras públicas. Sorrimos perante as contradições em que as autoridades de saúde regularmente incorrem. Resignamo-nos

perante a inevitável proibição de festivais, manifestações, peregrinações, romarias. Indignamo-nos com a falta de consciência cívica de alguns. Maravilhamo-nos com os concertos online. Preocupamo-nos com as limitações de acesso à praia... já nem falo do regresso condicionado ao trabalho, à escola, ao desporto, tudo sobrecarregado de protocolos de segurança e de muitas incertezas.

Esta crise afectou as pessoas e os grupos sociais de forma diferente. Para uns é o aborrecimento do confinamento para outros, é o seu modo de vida, o seu sustento que está em causa. Todas as crises provocam o agravamento das desigualdades sociais. Importante é, evitar que essas desigualdades se tornem permanentes.

Os jovens vão ser, mais uma vez, apanhados por uma crise que lhes roubará salários, emprego, expectativas profissionais e se, não aprendermos as lições do passado, a retoma da economia poderá implicar condições de trabalho mais precárias e redução dos gastos sociais e, um futuro do trabalho mais tecnológico e desumanizado. Se tivermos aprendido com a história das crises recentes perceberemos o quão importante é apoiar os rendimentos das pessoas, as empresas e o emprego e perceberemos que o diálogo social -incluindo a negociação colectiva- é um instrumento crucial para encontrar as melhores soluções para os desafios sociais que o novo normal nos obrigará. ■



**TURISMO SEMMAIS**  
**JORGE HUMBERTO**  
 COLABORADOR

# Registo para Memória Presente

**O QUE FAZER** quando não há nada para fazer? A pergunta é absurda, eu sei. Porque nada fazer é impossível. Fazemos sempre alguma coisa. Mesmo que não pareça. Mesmo que (aparentemente) sem valor. Agora ouço o som dos pássaros em vez do troar dos carros. Será isto o valor?

Olhei para o livro. Um livro e uma arma de crime ao mesmo tempo. 1030 páginas. 2666 de Roberto Bolaño. Maior do que um tijolo. Menor do que uma Bíblia. Porque a Bíblia tem outro peso. O peso do tempo.

O real é tão real que nem parece real. É o irreal social. A distância obrigatória impede a proximidade necessária. Até o olhar se tornou tímido e fugaz.

12.00 horas, a hora dos números. Uns dias melhores outros nem tanto. Gráficos

e quadros. Comparações e evoluções. E os números todos ao contrário: quanto maiores piores. E nestes números não podemos encontrar responsáveis ou irresponsáveis. Bons ou maus. O vírus não funciona assim.

Voltei a ouvir a mais recente música de Bob Dylan: Murder Most Foul. E aos 78 anos o músico e o poeta, não sei qual deles ou se os dois, chegaram pela primeira vez, em tanto tempo e tantos anos, ao primeiro lugar do top dos EUA. "Nunca é tarde nunca é demais".

Compras. Ainda não consegui deixar de comer. Por isso lá teve de ser. Por entre corredores estreitos o distanciamento social é uma miragem. No deserto do consumo. Bebi um café. Nem sei de que marca era. Muito menos qual o lote ou a origem. Só sei que foi um dos melhores cafés que já bebi. Basicamente

tenho trabalhado presencialmente todos os dias. Embora menos horas por dia. Acabei de ler um estudo que afirmava que quem trabalha preserva melhor a sua saúde mental. Afinal a casa não é o último refúgio. O trabalho sim....

Aspirar a casa como momento Zen. Totalmente concentrado. O aqui e o agora. Nada mais importa.

1,2 milhões de trabalhadores em lay off. Não é um número. É uma calamidade. "A vida não pára". Ou será que sim?

Aviões em terra. Aves no ar. O mundo terá voltado ao que sempre foi? Senhoras dos céus (as companhias aéreas) não saem do chão. Tempestade no turismo.

Informação: as ruas continuam vazias; as casas cheias. Os números das 12.00h são melhor explicados. Quase não se fala dos outros números. Os do cancro, dos AVC's, dos corações que falham.

Quantos números estão nas sombras. Qual é o tamanho dessas sombras?

Chove. Continua a chover. Abril águas mil. Maio (também) águas mil.

Saúde ou economia? Que raio de escolha. Não percebo nada de escolhas mas de caminhos. E o caminho do regresso começa (finalmente) a ser pensado.

Teletrabalho ou telefonesim? Qualquer hora é boa para enviar um e-mail. Qualquer momento é bom para lançar "uma urgência". O teledisparate é um vírus nada invisível. Despedimentos e dividendos. Tudo ao mesmo tempo. O grau zero da decência.

Pouco sono. Muita televisão. Muitas páginas. Ler o que já não se pensava ler. Pensar o que já não se pensava pensar.

"Amanhã vai ser outro dia". ■

**PAULO G. LOURENÇO**  
 INVESTIGADOR SOCIAL

# Covid-19 Teste à Solidariedade

**POR IRONIA** do destino, a geração da população ativa que viveu a crise da década de 80 no distrito de Setúbal, que passou pela fome e desemprego de longa duração, que teve a capacidade de apoiar os filhos e os netos durante o período da Troika, encontra-se "fechada às sete chaves" nos Lares de Idosos, como se fossem portadores da peste do século XXI.

Constitui argumento científico, que os idosos estão mais suscetíveis às complicações do Sars-Cov-2 por causa de alterações no sistema imunológico naturais da idade. Contudo, quando existe um Plano de Desconfinamento que omite as alterações a implementar nos Lares de Idosos, é difícil aceitar que os mais velhos não ficaram para trás.

A elaboração do Plano de Desconfinamento de um Lar de Idosos não deverá passar exclusivamente para resolver a pressão das famílias em relação às visitas, muito menos ser sujeito ao apro-

veitamento político do COVID-19, na medida em que, durante os 45 dias do estado de emergência não foram conhecidas, por parte de nenhum quadrante da sociedade, propostas destinadas à preparação das medidas necessárias para o regresso à normalidade dos Lares de Idosos.

Partindo-se do pressuposto, que as pessoas idosas constituem o principal grupo de risco da COVID-19, atendendo ao modelo organizacional das IPSS, entre várias questões a resolver, poderá ser discutido o futuro do funcionamento destas organizações e a necessidade, ou não, de rever a Lei de Bases da Segurança Social.

Para além da implementação das orientações da DGS, o tema da dificuldade da sustentabilidade económica dos Lares de Idosos, que já existia antes da crise do COVID-19, vai ditar o destino destas organizações, sobretudo as pequenas IPSS, que só têm uma resposta

social, incluindo ainda os Lares Privados, micro-empresas, que representam cerca de 67% da oferta do mercado residencial para idosos na região de Setúbal.

Face ao incremento significativo dos custos de funcionamento associados à implementação extraordinária dos Planos de Contingência nos Lares de Idosos, levanta-se a questão de quem irá suportar no imediato o aumento do custo médio por utente/cliente?

Deverá ser o Estado? As famílias? Os utentes/clientes? Ou a sociedade através do aumento de impostos?


E o impacto da crise do COVID-19 ao nível da perda de rendimentos das famílias, quem vai suportar?

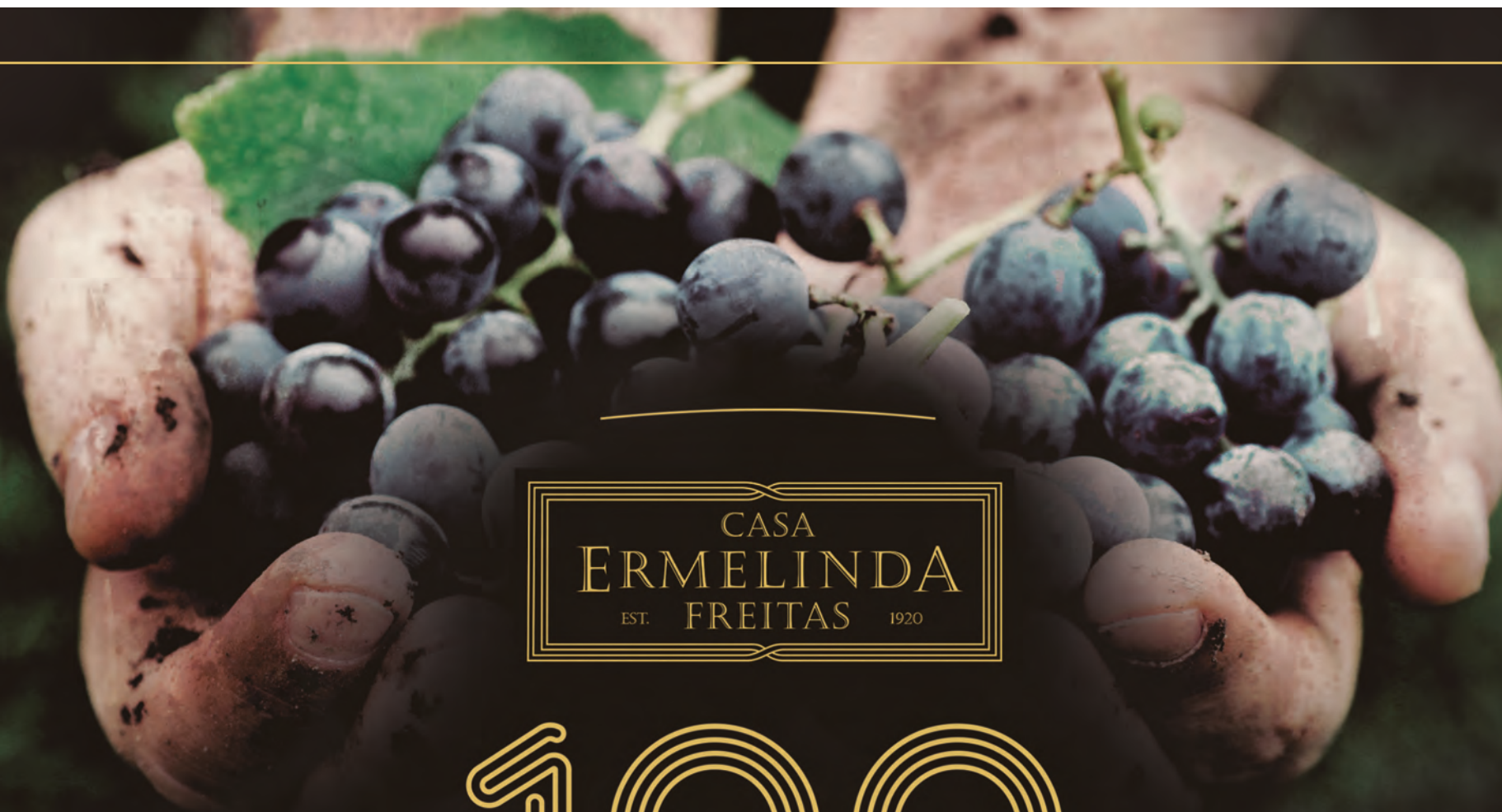
Perante o cenário do agravamento das mensalidades nos Lares de Idosos e da tendência do aumento das reclamações das famílias relacionadas com a falta de qualidade do serviço, terão estas condições para voltarem a acolher em casa os idosos institucionalizados?

A crise do COVID-19 representa um teste sem precedentes à Solidariedade. O fracasso na passagem no teste deixará marcas profundas nas famílias, nas empresas, nas organizações, nos territórios que ficarem para trás, abrindo-se o caminho para todo o tipo de extremismos, conflitos, novas crises, porta já aberta com a politização do COVID-19, desde a escala da concelhia política ao Parlamento Europeu.

Ao reler o relatório da avaliação da Operação Integrada de Desenvolvimento da Península de Setúbal (OID/PS), que refere que os impactos sociais foram seletivos, conjunturais, não estruturados, carenciando de uma perspetiva articulada que poderia estimular o consenso e as sinergias dos atores locais, decorridas três décadas, não restam dúvidas que os mais novos não aprenderam com os erros da OID/PS e que a região de Setúbal vai ser sujeita a um verdadeiro teste da Solidariedade. ■

**semmais** / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação **Anabela Ventura, Cristina Martins, José Bento Amaro, Marta David, Patrícia Brito** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Paginação **Ricardo Campos** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** /  /jornalsemmais



CASA  
ERMELINDA  
EST. FREITAS 1920

1920

100

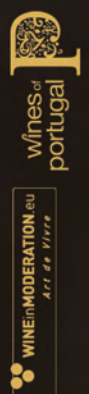
2020

A N O S  
Y E A R S

VINHAS & VINHOS  
VINES & WINES  
PORTUGAL

DAS MELHORES UVAS NASCEM OS MELHORES VINHOS.  
FROM THE FINEST GRAPES COMES THE FINEST WINES.

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.



WWW.ERMELINDAFREITAS.PT



PUBLICIDADE